

ARTIGO ORIGINAL

AS REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA SAÚDE DA MULHER

*THE REPERCUSSIONS OF OBSTETRIC VIOLENCE ON WOMEN'S
HEALTH*

*LAS REPERCUSIONES DE LA VIOLENCIA OBSTÉTRICA EN LA
SALUD DE LAS MUJERES*

GÉSSICA SANTOS PEREIRA

Enfermeira pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, Teresina-PI

gessicasp2017@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-9368-344X>

MARIA VITÓRIA ROCHA FÉLIX

Enfermeira pelo Centro Universitário Maurício de Nassau, Teresina-PI

marvitoriafelix@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9783-0204>

AS REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA SAÚDE DA MULHER

THE REPERCUSSIONS OF OBSTETRIC VIOLENCE ON WOMEN'S HEALTH

LAS REPERCUSIONES DE LA VIOLENCIA OBSTÉTRICA EN LA SALUD DE LAS MUJERES

Resumo

A violência obstétrica refere-se a uma série de práticas abusivas, desrespeitosas ou negligentes que ocorrem durante o atendimento à mulher no período de gestação, parto ou pós-parto. Essas práticas podem ser físicas, psicológicas ou verbais e geralmente envolvem a desumanização da mulher, a falta de consentimento ou o desrespeito às suas escolhas e direitos durante o processo de assistência ao parto. Diante disso, esse estudo tem como objetivo identificar as repercussões que podem ser desencadeadas na saúde das mulheres após a vivência da violência obstétrica. Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, em que foram utilizadas publicações coerentes ao assunto indexadas e publicadas nas bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em ciências da Saúde (LILACS), National Library of Medicine (PubMed), Science Direct e Index Psicologia – Periódicos (INDEXPSI). No decorrer do estudo, constatou-se que mulheres que sofreram violência obstétrica experimentam diversos danos que as prejudicam profundamente, tanto físicos como dores, infecção, vida sexual afetada, quanto psicológicos e emocionais como transtorno do estresse pós-traumático, depressão pós-parto, medo, angústia, prejuízos na amamentação e dificuldade na construção de vínculo com o bebê. Conclui-se então, que é de suma importância reformular a assistência dos profissionais de saúde e esclarecer as mulheres sobre seus direitos, para garantir que suas necessidades sejam atendidas.

Palavras-chave: gravidez; parto; saúde da mulher; trauma; violência obstétrica

Abstract

Obstetric violence refers to a series of abusive, disrespectful or negligent practices that occur during care for women during pregnancy, childbirth or postpartum. These practices can be physical, psychological or verbal and generally involve the dehumanization of women, lack of consent or disrespect for their choices and rights during the birth care process. Given this, this study aims to identify the repercussions that can be triggered on women's health after experiencing obstetric violence. This is a bibliographical review of the literature, in which publications coherent to the subject were used, indexed and published in the databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), National Library of Medicine (PubMed), Science Direct and Index Psicologia – Periodicals (INDEXPSI). During the study, it was found that women who suffered obstetric violence experience various damages that deeply harm them, both physical, such as pain, infection, affected sexual life, and psychological and emotional, such as post-traumatic stress disorder, post-traumatic stress disorder, childbirth, fear, anguish, harm to breastfeeding and difficulty in building a bond with the baby. It is concluded, then, that it is extremely important to reformulate the assistance provided by health professionals and inform women about their rights, to ensure that their needs are met.

Keywords: pregnancy; parturition; women's health; trauma; obstetric violence

Resumen

La violencia obstétrica se refiere a una serie de prácticas abusivas, irrespetuosas o negligentes que ocurren durante la atención a la mujer durante el embarazo, parto o posparto. Estas prácticas pueden ser físicas, psicológicas o verbales y generalmente implican la deshumanización de las mujeres, la falta de consentimiento o la falta de respeto a sus elecciones y derechos durante el proceso de atención del parto. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo identificar las repercusiones que pueden desencadenarse en la salud de las mujeres después de experimentar violencia obstétrica. Se trata de una revisión bibliográfica de la literatura, en la que se utilizaron, indexaron y publicaron publicaciones coherentes con el tema en las siguientes bases de datos: Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud (LILACS), Biblioteca Nacional de Medicina (PubMed), Science Direct e Index Psicología – Periódicos (INDEXPSI). Durante el estudio, se constató que las mujeres que sufrieron violencia obstétrica experimentan diversos daños que las perjudican profundamente, tanto físicos, como dolor, infección, afectación de la vida sexual, como psicológicos y emocionales, como trastorno de estrés postraumático, depresión posparto, miedo, angustia, daño a la lactancia materna y dificultad para construir un vínculo con el bebé. Se concluye, entonces, que es de suma importancia reformular la asistencia de los profesionales de la salud y esclarecer a las mujeres sobre sus derechos, para asegurar que sus necesidades sean cubiertas.

Palabras clave: embarazo; parto; salud de la mujer; trauma; violencia obstétrica.

1 Introdução

O parto é um evento marcante e repleto de significados na vida das gestantes e vem passando por mudanças no que tange ao modelo assistencial, o que era natural e fisiológico passou a ser excessivamente intervencionista, fato marcado principalmente pela ascensão do modelo obstétrico medicalocêntrico, que trouxe um aumento nos números de cesarianas desnecessárias e um cenário favorável para retirada do protagonismo da mulher e a ocorrência da violência obstétrica. Vale destacar que, a taxa de nascimentos por cesariana recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014) corresponde a 15%, enquanto, no Brasil, no ano de 2021, ocorreram cerca de 2,7 milhões de nascimentos, dos quais 57% foram cirúrgicos, número elevado em relação ao indicado (Brasil, 2024).

Essas práticas desrespeitosas e abusivas durante o atendimento na gestação, parto e puerpério, acabam gerando consequências que podem ser irreparáveis, carregadas de traumas, violação de direitos, danos para a mãe e para o recém-nascido. Desse modo, é notório que a prática da Violência Obstétrica opõe-se à Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher, elaborada pelo Ministério da Saúde (MS), que prevê um atendimento completo e individualizado em todas as fases da vida da

mulher. Isso pode ser observado quando existe a negligência de princípios como a qualificação, humanização e integralidade dos cuidados durante a assistência ao parto, que deveriam ser garantidos desde a descoberta da gestação até o período pós-parto, conhecido como puerpério (Lacerda *et al.*, 2021).

Na tentativa de combater os abusos e negligências que circundam o processo gravídico-puerperal, o Ministério da Saúde propôs, em 2002, o Programa Nacional de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), que está fundamentado no princípio de que a humanização da assistência materna e neonatal é essencial para a implementação do cuidado ideal durante o parto e puerpério. É importante que a compreensão acerca das necessidades da mulher em sua integralidade esteja presente desde o momento de sua admissão. Os serviços de saúde devem colocar em prática as políticas de humanização, proporcionar um local receptivo, estruturado e digno para a gestante e seus acompanhantes (Brasil, 2002).

Em contrapartida ao objetivo desse programa, a negação do parto como processo fisiológico e o desrespeito a autonomia da gestante significa privá-la dos seus direitos em um momento marcante da sua vida, pois, o parto fisiológico visa assegurar condições necessárias para o surgimento de uma nova vida de forma íntegra, preservando sua essência natural. Desse modo, práticas inadequadas, roubam o protagonismo da mulher, uma vez que seu poder de decisão sobre o próprio corpo é retirado. Diante do exposto, é fundamental discutir as condutas desnecessárias e que trazem repercussões negativas para as mulheres (Moulin *et al.*, 2023; Rodrigues *et al.*, 2021).

Vale destacar que, a problemática é agravada pelas subnotificações e invisibilidade dos casos, devido à falta de consenso sobre o que constitui essa violência. A ausência de uma definição clara dificulta a identificação e notificação, tanto por profissionais quanto por pacientes, pois o termo abrange um leque de práticas. Isso impede a delimitação entre práticas essenciais e intervenções desnecessárias. Além disso, algumas atitudes abusivas ainda são vistas como normais dentro do ambiente hospitalar, contribuindo para a banalização desse comportamento. Outrossim, o medo de escândalos, retaliações e a falta de apoio institucional também fazem com que muitas mulheres se caleem diante do trauma sofrido (Azevedo, 2022).

O resgate do parto como ato fisiológico vem sendo discutido e como consequência a temática ganha notoriedade, o que é de extrema importância, uma vez

que a violência obstétrica é uma realidade alarmante, que exige atenção e intervenção imediata, pois contrapõe a naturalidade do ato de parir. Pesquisas mostram que muitas mulheres já sofreram violência obstétrica, seja física, verbal ou psicológica, agravada pela falta de informação e de políticas públicas eficazes para combater essas práticas, revelando a necessidade de abordar o tema e estimular a reflexão dos profissionais e usuários acerca do modelo obstétrico atual que visa favorecer majoritariamente a equipe de saúde (Catala *et al.*, 2024).

Esse estudo se justifica pela necessidade de compreensão acerca das faces da violência obstétrica, bem como, entender a maneira que tal prática afeta a saúde física, psicológica e emocional das mulheres que foram vítimas. Busca-se contribuir para o aumento da visibilidade da temática, que ainda é estigmatizada e negligenciada. Assim como também, fomentar a sensibilização de profissionais a respeito do tema e conscientizá-los a respeito da forma como esse tipo de violência distorce as parturientes de receberem uma atenção ao parto e nascimento centrada na promoção de uma assistência humanizada, visando seu bem-estar integral (Flores; Melo; Netto, 2023).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo identificar as repercussões da violência obstétrica na saúde da mulher.

2 Materiais e métodos

O presente estudo se trata de uma revisão integrativa da literatura. Através desse método é possível reunir pesquisas disponíveis e alcançar conclusões a partir da pergunta que serviu como base para a pesquisa. Ao englobar informações das variadas fontes, essa abordagem permite uma compreensão holística e profunda do tema em questão. Este trabalho foi desenvolvido por meio de seis etapas cronológicas e interligadas: 1º) Formulação da pergunta para pesquisa, 2º) Busca na literatura, 3º) Coleta de dados, 4º) Avaliação crítica dos estudos a serem selecionados para compor a revisão, 5º) Discussão dos resultados e 6º) Apresentação da revisão integrativa. De maneira que, essas etapas complementam-se e garantem um desenvolvimento completo da pesquisa (Dantas *et al.*, 2022).

Para definição da questão norteadora da revisão, foi utilizada a estratégia PICO, P (Problema/ População), I (Interesse) e Co (Contexto), assim estabelecida, P=

repercussões, I= saúde da mulher, Co= violência obstétrica. Dessa forma, a questão de pesquisa determinada foi: “Quais as repercussões da violência obstétrica na saúde da mulher?”.

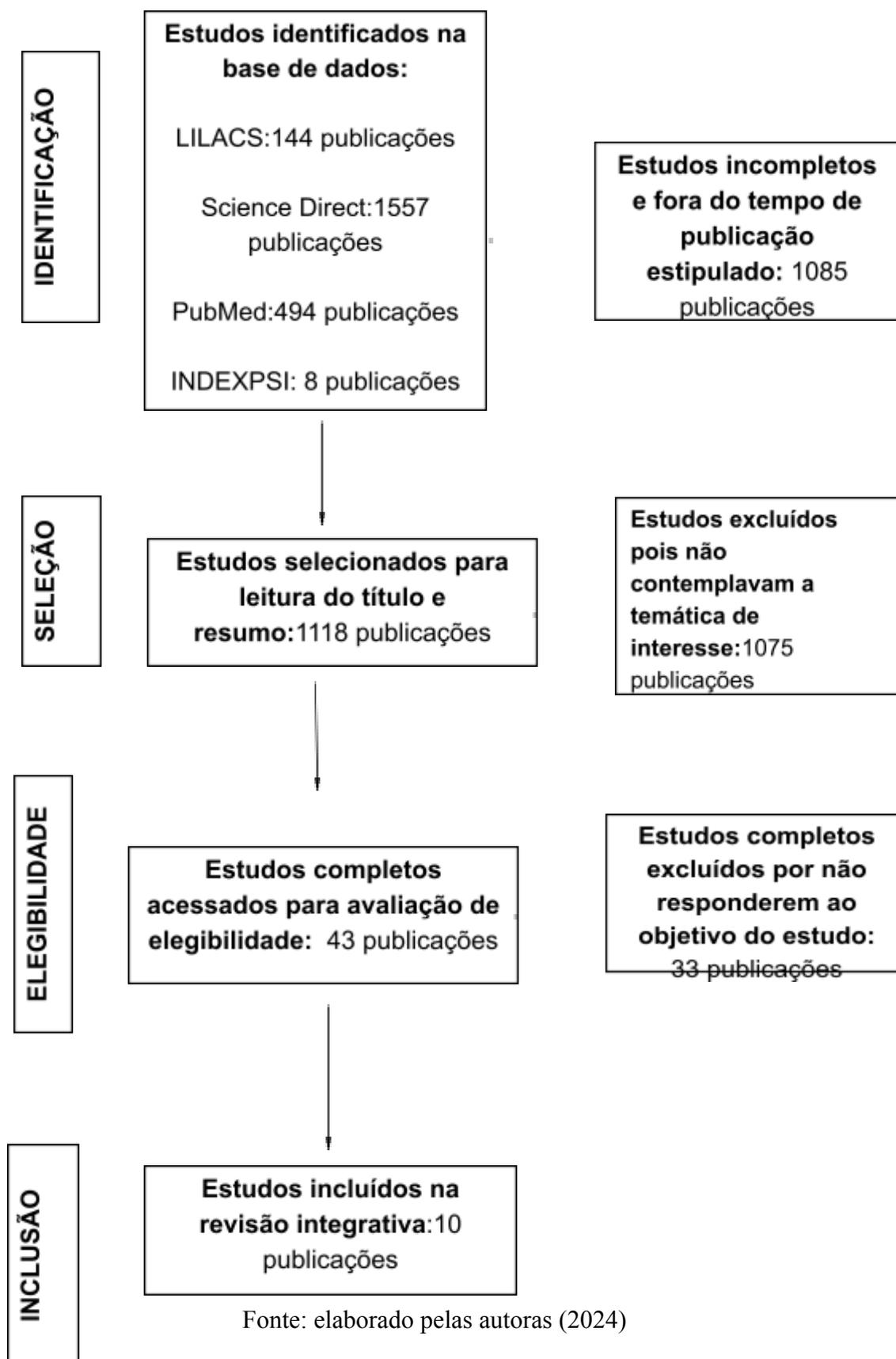
A seleção de artigos foi realizada nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Index Psicologia – Periódicos (INDEXPSI) via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), National Library of Medicine (PubMed) e Science Direct, utilizando-se nessas bases a combinação de descritores: “Violência Obstétrica; Obstetric Violence; Violência Obstétrica”, “Saúde da Mulher; Women’s Health; Salud de la Mujer” e “Gravidez; Pregnancy; Embarazo”, juntamente com o operador booleano “AND” conectando os termos citados anteriormente.

Os critérios de inclusão delimitados foram: artigos científicos que atendam à pergunta central, estudos com textos completos, publicados em português, inglês e espanhol, nos últimos 5 anos, entre 2019 e 2024, com a limitação de tempo visando a utilização de dados atualizados. Foram excluídos artigos de revisão não sistemática, inacessíveis e duplicados nas bases selecionadas.

As buscas identificaram 2203 publicações. Destas, 1085 foram excluídas por não serem trabalhos completos ou não corresponderem ao período de publicação estipulado. Após a leitura dos títulos e resumos, 1075 foram excluídas. Foram lidos 43 artigos na íntegra, mas 33 deles não responderam à pergunta norteadora e, portanto, foram descartados. Ao final, 10 artigos foram selecionados para compor o estudo de revisão.

Destaca-se que, as pesquisadoras realizaram a leitura dos títulos e resumos de forma cega para aumentar a fidedignidade da revisão. Dessa maneira, os estudos que não responderam à questão norteadora e aqueles que não se adequaram aos critérios de inclusão foram excluídos. Em seguida, os artigos elegíveis foram lidos na íntegra com o objetivo de identificar as repercussões da violência obstétrica na saúde da mulher.

Figura 1: fluxograma para representar a busca e seleção dos artigos incluídos e excluídos da revisão integrativa



Constatou-se que os 10 artigos selecionados para compor a revisão foram publicados entre os anos de 2019 a 2024, a maioria (três) foi publicado em 2021 (30%), dois deles em 2022 (20%), da mesma forma, dois em 2019 (20%). Os anos de 2023 e 2024 apresentaram um artigo, representando 10% da amostra cada um.

Os resultados evidenciados nos estudos mostram tanto traumas físicos, como dores e infecções, quanto traumas psicológicos, através do desenvolvimento do Transtorno de estresse pós-traumático ou Depressão pós-parto, seguidos da vivência de violência obstétrica durante o parto (Lima *et al.*, 2022 ; Teixeira *et al.*, 2020; Hajizadeh; Mirghafourvand, 2021; Silveira *et al.*, 2019; Conceição; Madeiro, 2024).

Os sentimentos desencadeados em experiência traumática de parto também são retratados, principalmente medo, fracasso, decepção e perda de confiança nos profissionais de saúde (Assis *et al.*, 2022 ; Teixeira *et al.*, 2020; Matos; Magalhães; Carneiro, 2021).

Foram encontrados relatos que colocam a violência obstétrica como fator de risco para aumento da mortalidade materna (Aguiar; Feliciano; Tanaka, 2022).

Além disso, o vínculo mãe-bebê e o aleitamento materno podem ser potencialmente prejudicados, em decorrência dos abusos proferidos à mulher no trabalho de parto (Oliveira *et al.*, 2019; Assis *et al.*, 2021; Leite *et al.*, 2023)

Os estudos foram obtidos nas bases de dados: LILACS, PubMed, Science Direct e INDEXPSI. Posteriormente, foram dispostos na tabela seguinte e organizados segundo autor/ano/país, título, tipo de estudo, objetivo e resultados.

Tabela 01: Artigos incluídos na revisão integrativa

Autor/Ano/País	Título	Tipo de Estudo	Objetivo	Resultados
Oliveira <i>et al.</i> /2019/ Brasil.	Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes	Estudo qualitativo	Examinar as vivências de mulheres que passaram por violência obstétrica durante o trabalho de parto.	Mulheres sentem medo e insegurança na maternidade, necessitando de assistência humanizada para combater o abuso obstétrico. Essa violência, muitas vezes não identificada, afeta negativamente o vínculo mãe-filho.
Silveira, Mariangela Freitas <i>et al.</i> /2019/ /Brasil	A associação entre desrespeito e abuso de mulheres durante o parto e depressão pós parto: resultados do estudo de coorte de nascimentos de Pelotas de 2015	Estudo de coorte prospectivo	Investigar a relação entre desrespeito e abuso de mães durante o parto com o desenvolvimento de depressão pós-parto.	Sofrer pelo menos um tipo de abuso durante o parto aumentou a possibilidade de depressão pós-parto durante o puerpério. Faz-se necessária uma assistência de qualidade e respeitosa para prevenir consequências negativas para mãe e filho.
Teixeira <i>et al.</i> /2020/ Brasil.	Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: a dor que querem calar	Estudo descritivo exploratório com abordagem quali-quantitativa	Compreender o nível de conhecimento das parturientes sobre a violência obstétrica, avaliar se reconhecem as principais práticas associadas a essa violência, e identificar as repercussões físicas e psicológicas causadas pela violência obstétrica.	As mulheres têm uma compreensão limitada da violência obstétrica. Sendo que, essa violência viola direitos à vida, integridade e autonomia, afetando a saúde psicológica e a alma das mulheres.
Assis <i>et al.</i> /2021/ Brasil	Repercussões emocionais em mulheres que		Expor os efeitos da violência obstétrica em mulheres.	A violência obstétrica causa sofrimento profundo nas mulheres e

	sofreram violência obstétrica	Pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório		prejudica as primeiras interações entre mãe e bebê, gerando angústia pela separação.
Hajizadeh, Khadije; Mirghafourvand, Mojgan/ 2021/Irã	Relação do transtorno de estresse pós-traumático com desrespeito e abuso durante o parto em um grupo de puérperas iranianas: um estudo prospectivo	Estudo prospectivo	Verificar a existência de correlação entre desrespeito e abuso durante o parto com o transtorno de estresse pós-traumático em mulheres iranianas.	Percebeu-se que o transtorno de estresse pós-traumático foi consideravelmente menor em puérperas sem relato de experiência de desrespeito e abuso durante o parto. Dessa forma, a violência obstétrica pode estar associada ao desenvolvimento do transtorno de estresse pós-traumático.
Matos, Mariana Gouvêa de; Magalhães, Andrea Seixas; Carneiro, Terezinha Féres/ 2021/ Brasil	Violência obstétrica e trauma no parto: o relato das mães	Pesquisa qualitativa	Investigar a experiência de violência obstétrica a partir do relato de mães e pais.	A violência obstétrica se caracteriza como uma experiência traumática, resultando em efeitos psíquicos negativos para a mãe.
Aguiar, Cláudia de Azevedo; Feliciano, Roselane Gonçalves; Tanaka, Ana Cristina d' Andretta/2022/Brasil	Near-miss materno e violência obstétrica: uma relação possível?	Pesquisa de abordagem qualitativa	Compreender a percepção das mulheres que sofreram near-miss materno acerca da conduta obstétrica a qual foram expostas.	Existe uma possível associação entre a vivência do near-miss materno e a violência obstétrica. Ou seja, a violência obstétrica pode apresentar direta ou indiretamente, riscos à vida da gestante.
Lima <i>et al.</i> /2022/ Brasil	Violência obstétrica: relatos de experiência vivenciada	Estudo de abordagem qualitativa e método descritivo	Demonstrar que as orientações fornecidas por parte dos profissionais de saúde às gestantes são significativas na minimização da ocorrência de violência obstétrica, incentivando a disseminação de	A violência obstétrica vem sendo perpetuada, resultando em traumas e sentimentos que permanecem durante toda a vida. Incentiva-se a realização de ações educativas que

			informações sobre a temática.	abordem a humanização como característica fundamental no ciclo gravídico-puerperal.
Leite <i>et al.</i> /2023/ Brasil	O efeito da violência obstétrica durante o parto na amamentação: achados da coorte perinatal “Nascer no Brasil”	Estudo de coorte	Analisar como a violência obstétrica durante a hospitalização para o parto pode influenciar a amamentação.	A violência obstétrica afeta indiretamente a amamentação, principalmente entre 43 e 180 dias pós-parto, sendo mais intensa em partos vaginais. O estresse e o trauma dificultam a amamentação, impactando negativamente a relação mãe-bebê.
Conceição, Haylane Nunes da; Madeiro, Alberto Pereira/2024/ Brasil	Associação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós parto: estudo transversal	Estudo transversal	Analisar a probabilidade de desenvolvimento de depressão pós-parto após experiências de desrespeito e abuso durante o parto.	Notou-se associação significativa entre desrespeito e abuso no parto e a depressão pós-parto.

Fonte: elaborado pelas autoras (2024)

3 Discussão

Após análise dos artigos, considerando o objetivo da revisão, os principais achados que responderam ao objetivo deste estudo foram sintetizados por meio das seguintes categorias de discussão “Traumas provocados pela violência obstétrica”, “Sentimentos das mulheres relacionados a violência obstétrica”, “Violência obstétrica como risco à vida da mulher” e “Prejuízos ao binômio mãe-filho causados pela violência obstétrica”.

4.1 Traumas provocados pela violência obstétrica

O conceito de violência obstétrica inclui os maus-tratos e intervenções sem nenhuma indicação ou necessidade, se caracterizando como uma ameaça à integridade física e bem-estar da gestante. Nos estudos encontrados, a episiotomia, que se trata de uma incisão na região perineal, foi citada como uma manifestação da violência obstétrica ainda utilizada nos dias atuais, com a justificativa de que a sua realização facilita a passagem do bebê no canal vaginal, quando na verdade sua prática deveria estar restrita aos poucos casos em que haja real indicação. Vale destacar que, a episiotomia pode trazer consequências como infecção na sutura, dor e desconforto na genitália, além de dores durante as relações sexuais, ou seja, consequências que repercutem por anos ou até pela vida toda da mulher (Lima *et al.*,2022 ; Teixeira *et al.*,2020).

Considerando o contexto de vulnerabilidade e expectativas que circunda o parto, notoriamente a violência obstétrica (VO) também provoca danos na esfera psicológica, visto que expõe as mulheres a situações humilhantes e desumanas. Os estudos mostram a existência da correlação entre a vivência de desrespeito e abuso durante o parto com o desenvolvimento de Transtorno de estresse pós-traumático, entre os fatores que contribuem para esse cenário estão: o tratamento inadequado que as parturientes recebem, ações invasivas da equipe e o nível exacerbado de intervenções médicas desnecessárias. Esses comportamentos caracterizam contextos que acabam contribuindo para o surgimento de prejuízos psicológicos, com destaque para o Transtorno de estresse pós-traumático que ocorreu com maior frequência em mães que sofreram algum tipo de abuso no seu trabalho de parto, demonstrando uma relação direta entre o estresse mental promovido pelas diversas violências praticadas contra as parturientes e a manifestação desse transtorno, que costuma causar insônia, mudança de humor, isolamento, tristeza, e diminuição na ligação emocional entre mãe-bebê (Hajizadeh; Mirghafourvand, 2021).

Além do Transtorno de estresse pós-traumático, segundo outros estudos analisados, a depressão pós-parto também está entre um dos transtornos que possuem maior probabilidade de se desenvolver em puérperas que sofreram desrespeitos no parto. É válido ressaltar que a ocorrência de abusos foi citada de maneira considerável por grande parte das mulheres, isso corrobora com o que foi constatado, um aumento no risco de depressão pós-parto relacionado à prática de abuso físico ou verbal. Destaca-se que os estudos revelaram que mulheres vítimas de três ou mais tipos de VO ao parir, tiveram uma probabilidade significativamente mais elevada de desenvolver sintomas

relacionados a depressão pós-parto, ou seja, quanto mais violadas, maiores os danos e as chances de repercussões negativas na saúde mental das puérperas. Logo, verifica-se que a conduta da equipe responsável pela assistência ofertada, bem como a interação desenvolvida com a paciente, exercem influência nos impactos causados ao bem-estar psicológico materno (Silveira *et al.*, 2019; Conceição; Madeiro, 2024).

4.2 Sentimentos das mulheres relacionados a violência obstétrica

As experiências das gestantes durante o seu parto podem reverberar por toda a sua vida. Conforme Assis *et al.* (2022), a violência obstétrica desencadeia sentimentos como: medo, tristeza, mágoa, o desejo de morrer, quando na verdade o momento do parto deveria ser sinônimo de alegria e renascimento, algumas mulheres ainda relatam a sensação de estarem vivendo um pesadelo, sentem-se decepcionadas e fracassadas diante do reconhecimento de estarem sendo violadas e invadidas, quando seus direitos foram retirados e passaram a ser tratadas como “objetos”, sem controle nenhum das situações e procedimentos impostos a elas. Todas essas reações são consequentes do contato com o desconhecido, da privação do seu poder de escolha no que concerne a sua própria experiência de parto, assim como a negação ao direito de ser respeitada e receber uma assistência humana.

Ademais, Teixeira *et al.* (2020), identificou prejuízos na auto estima por relato do sentimento de vergonha pela cicatriz da episiotomia, afetando diretamente a saúde sexual da mulher. Como também, verificou a perda de confiança nos profissionais de saúde, uma vez que o discurso médico tem um alto poder de persuasão, dessa maneira, provoca a coerção da mãe que teme possíveis desfechos negativos, prejudicando seu próprio bem-estar, assim como a saúde do seu recém-nascido. Muitas vezes, os profissionais acabam se aproveitando da credibilidade que lhes foi depositada para colocar imposições abusivas e invalidar a autonomia da parturiente, proporcionando sentimentos e experiências negativas.

Matos; Magalhães; Carneiro (2021), encontraram descrições de mulheres que após serem vítimas da violência obstétrica, manifestaram uma diminuição no desejo por outros filhos, justificada pelo trauma profundo que foi deixado, pois passam a remeter a ideia do parto a sofrimento e angústia, os sentimentos que foram gerados durante esse momento refletem em suas vidas, perspectivas e planos, fazendo com que considerem

não ter condições de passarem pelo parto e assim não escolham correr o risco de vivenciarem essa experiência e todos os sentimentos vinculados a ela novamente.

4.3 Violência Obstétrica como risco à vida da mulher

O Near-Miss Materno se trata de uma condição de agravamento no estado de saúde da mulher por complicações consequentes do período gestacional, parto e puerpério. Esse evento pode estar associado às condutas obstétricas às quais as mulheres são submetidas. Nesse estudo, evidenciaram-se relatos de extrema dificuldade respiratória desencadeada pela compressão das costelas durante a realização da “Manobra de Kristeller” (compressão do fundo do útero para facilitar a saída do bebê). Além disso, foi citado sangramento profundo ocasionado por dilatação manual do colo uterino, manobra conhecida como “redução do colo”, que foi realizada apesar dos seus benefícios não serem assegurados cientificamente, e sua prática ainda oferece risco de lesão ao colo do útero, ocasionando dor, sangramento e a possibilidade de infecção consequente desse procedimento, o que acarreta em mais um dano à saúde da mulher. Os autores registraram também, infecção puerperal relacionada aos inúmeros toques vaginais desnecessários realizados por várias pessoas, ignorando as recomendações de que o toque deve ser realizado a cada quatro horas em gestantes de baixo risco. Assim como acrescentam, que abandonar a parturiente e negar assistência adequada, negligenciando os cuidados que devem ser prestados, são atitudes caracterizadas como violência obstétrica e podem contribuir para o aumento dos riscos à saúde materna, visto que, em casos de complicações, o atendimento deve ser realizado de forma urgente, com o intuito de prevenir consequências desfavoráveis, que se constituam como ameaça à vida da mulher (Aguiar; Feliciano; Tanaka, 2022).

4.4 Prejuízos ao binômio mãe-filho causados pela Violência Obstétrica

O binômio mãe-bebê pode ser afetado em razão dos maus-tratos e abusos direcionados às gestantes. Os artigos analisados salientaram as consequências de uma das formas de expressão da violência obstétrica, que se configura pelo impedimento do

contato imediato da mãe com o neonato, que é fundamental para adaptação do recém-nascido ao ambiente extrauterino, estímulo à amamentação, fortalecimento do vínculo iniciado durante a gestação, reconhecimento do bebê como filho idealizado e esperado, dessa forma, quando a equipe impossibilita a interação imediata após o nascimento, nega o direito de amamentar ou dificulta a permanência do bebê com a mãe na sala de parto por todo o tempo em que permanecerem nesse ambiente, está promovendo impactos emocionais tão significativos, que conseqüentemente sejam manifestados problemas no desenvolvimento do vínculo materno-infantil, resultando em distanciamento, rejeição, indiferença, dificuldade em executar os cuidados com a criança e estabelecer ligações afetivas (Oliveira *et al.*, 2019; Assis *et al.*, 2021).

A prática da amamentação é extremamente importante no período pós-parto, principalmente durante os primeiros meses de vida da criança, como seu principal alimento e também como meio para construção do vínculo materno com o bebê. Leite *et al.*(2023), mostrou que a violência obstétrica, enquanto causadora de estresse mental, influencia negativamente na produção de leite, devido a alterações fisiológicas desencadeadas por questões emocionais, afetando indiretamente a amamentação de maneira exclusiva ainda na maternidade ou pelos próximos seis meses, até mesmo sendo possível impossibilitar o aleitamento materno. Nesse mesmo estudo, percebeu-se maior prevalência de prejuízos na amamentação em mães que sofreram abusos durante o parto vaginal. Vale ressaltar, que os profissionais de saúde desempenham um papel fundamental no incentivo e promoção de orientações sobre o manejo e benefícios da amamentação, nesse sentido, quando a própria equipe que deveria se posicionar como apoiadora, se torna a precursora de comportamentos abusivos, todo o contexto relacionado ao aleitamento pode ser afetado. Em virtude desse acontecimento, é comum que a puérpera sintam-se impotente e insegura diante da dificuldade de amamentar e tristeza pela perda da chance de experimentar o apego e vínculo desenvolvidos através do ato da amamentação (Leite *et al.*, 2023).

4 Conclusões

A violência obstétrica deve ser discutida amplamente para ressaltar a necessidade de um atendimento humanizado que respeite a autonomia e dignidade das mulheres, bem como as repercussões ocasionadas por ela, promovendo uma reflexão a respeito das práticas abusivas que devem ser combatidas. Fisicamente, ela pode causar complicações como dores e infecções. Psicologicamente, pode desencadear depressão pós-parto, angústia, tristeza, transtorno de estresse pós-traumático, além de minar a autoconfiança, interferir no processo de amamentação e dificultar a construção de vínculo com o bebê.

Foi possível concluir também o impacto que a assistência profissional exerce não só durante o trabalho de parto, como também durante o puerpério, quando se traz questões como interferência no aleitamento materno e depressão pós-parto, ou até mesmo por toda a vida, esclarecendo a importância da reflexão acerca do atendimento que tem sido oferecido às parturientes.

Referências

AGUIAR, Cláudia de Azevedo; FELICIANO, Roselane Gonçalves; TANAKA, Ana Cristina d'Andretta. Near-miss materno e violência obstétrica: uma relação possível?. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 38, p. e22208, 2022.

ASSIS, Karina Goes de; MEURER, Fernanda; DELVAN, Josiane da Silva. Repercussões emocionais em mulheres que sofreram violência obstétrica. **Psicologia Argumento**, v. 39, n. 103, p. 135-157, 2021.

AZEVEDO, Isabela Dias de. **A importância do direito contra a violência obstétrica no Brasil**. Orientador: Prof. José Antônio Tietzmann e Silva. 2022. 23p. Trabalho de Conclusão de Curso- Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC, Goiânia, 2022.

BRASIL. Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Ficha Técnica dos Indicadores do Programa de Qualificação de Operadoras 2024 (ano-base 2023)**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/ans/pt-br/acao-a-informacao/perfil-do-setor/dados-e-indicadores-do-setor/copy_of_Ficha_Tecnica_IDSS_ab2023_atualizada_em_abr2024.retificacao_o_1.3.pdf. Acesso em: 01 set. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa de Humanização no Pré Natal e Nascimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto.pdf> . Acesso em: 15.set.2024.

- CATALA, Pablo Mira; Aguado, Ildefonso Hernández; Rosell, Elisa Chilet. Respectful Maternity Care Interventions to Address Women Mistreatment in Childbirth: What has been done? **BMC Pregnancy Childbirth**, v.24, n.1, p.322, 2024.
- CONCEIÇÃO, Haylane Nunes da; MADEIRO, Alberto Pereira. Associação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto: estudo transversal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 40, n. 8, p. e00008024, 2024.
- DANTAS, Hallana Laisa de Lima *et al.* Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, p. 334–345, 2022.
- FLORES, Carolina Aita; Netto, Vitor de Mello. “É para o seu bem”: a violência perfeita” na assistência obstétrica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33057, 2023.
- HAJIZADEH, Khadije.; MIRGHAFORVAND, Mojgan. Relationship of post-traumatic stress disorder with disrespect and abuse during childbirth in a group of Iranian postpartum women: a prospective study. **Annals of General Psychiatry**, v. 20, n. 1, 2021.
- LACERDA, Érica Dionísia *et al.* Direito de acompanhamento ao parto: conhecimento e concepção de gestantes. **Revista baiana enferm**, v. 35, p. e42698, 2021.
- LEITE, Tatiana Henrique *et al.* The effect of obstetric violence during childbirth on breastfeeding: findings from a perinatal cohort “Birth in Brazil”. **The Lancet Regional Health - Americas**, v. 19, p. 100438–100438, 2023.
- LIMA, Liara Caetano de *et al.* Violência obstétrica: relatos de experiência vivenciada. **REVISA**, v. 11, n. 4, p. 538-547, 2022.
- MATOS, Mariana Gouvêa de; MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Violência obstétrica e trauma no parto: o relato das mães. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. e219616, 2021.
- MOULIN, Adriana Cardoso *et al.* Da idealização do parto à violência obstétrica. **Cadernos Camilliani**, v. 20, n. 1, p. 1-18, 2023.
- OLIVEIRA, Maria do Socorro Santos de *et al.* Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. **ABCS Health Sciences**, v. 44, n. 2, 2019.
- RODRIGUES, Diego Pereira *et al.* Parto humanizado: valores de profissionais de saúde no cotidiano do cuidado obstétrico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 2, 2021.
- SILVEIRA, Mariangela Freitas *et al.* The association between disrespect and abuse of women during childbirth and postpartum depression: Findings from the 2015 Pelotas birth cohort study. **Journal of Affective Disorders**, v. 256, p. 441–447, 2019.
- TEIXEIRA, Patrícia da Costa *et al.* Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: a dor que querem calar. **Nursing Edição Brasileira**, v. 23, n. 261, p. 3607-3615, 2020.